

Boletim

Nº 1.999 - Ano 44 - 13 de novembro de 2017

Historiadores encerram
ciclo de conferências
dos 90 anos

Página 3

Espécime de trinca-ferro
verdadeiro, uma das aves mais
visadas pelo mercado ilegal

PATERNIDADE QUE PROTEGE

Teste de DNA para identificar a paternidade de aves está contribuindo para combater o tráfico de espécies como trinca-ferro, papagaio e sofrê. O método, desenvolvido no Departamento de Biologia Geral do ICB, possibilita saber se o pássaro nasceu em criadouro cadastrado no Ibama ou se foi capturado ilegalmente na natureza.

Página 5

VIOLÊNCIA contra a mulher é ato de PODER

Marlise Matos*

Segundo o Atlas da Violência de 2017, publicação do Ipea em conjunto com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), o Brasil teve 49.407 casos de estupros registrados no último ano. Sabemos que essa é apenas a ponta de um gigantesco iceberg, já que a maioria desses casos não chegam a ser denunciados. Somos uma sociedade violenta e patriarcal, além de historicamente racista. É isso que explica a condição cotidiana e naturalizada de violência à qual as mulheres brasileiras, independentemente da sua classe social, estão permanentemente submetidas. Mas as mulheres negras, infelizmente, são as que sofrem mais e têm duas vezes mais chances de ser assassinadas do que as mulheres brancas, segundo diagnóstico de homicídios no Brasil divulgado pelo Ministério da Justiça em 2015.

Trata-se de um fenômeno recorrente e continuado no Brasil, que reflete a cultura de dominação e controle dos homens sobre os corpos e as vidas das mulheres. Cada violência dessas é um ato de poder: um ato de dominação masculina. Trata-se, portanto, de uma violência sexista, já que o sexo das vítimas é determinante para sua ocorrência. A violência estrutural dos homens contra as mulheres não se constitui de casos isolados ou episódicos. Esses casos estão inseridos num *continuum* de violência que começa muito cedo dentro dos lares e são perpetrados por aqueles que deveriam proteger e cuidar (pais, padrastos, maridos, companheiros).

Falamos de ciclo da violência contra as mulheres, já que ela não começa no feminicídio. Inicia-se com padrões e atitudes masculinas glamourizadas e naturalizadas pela sociedade: “você não vai usar esse batom”, “não vai sair com essa roupa”, “quem decide como fazer sou eu”. Milhões de meninas e mulheres escutam essas frases diariamente. Além da violência velada na ameaça, temos as humilhações cotidianas – a violência simbólica – que minam a autoestima e destroem a capacidade de reação. Daí se instala a violência física propriamente dita que, se não interrompida, poderá levar (e leva) ao feminicídio. Todo esse ciclo de violências limita o desenvolvimento livre e saudável da vida de meninas e mulheres no Brasil.

É preciso impedir que esse ciclo se inicie, e, quando ele já está instalado, cada mulher tem de encontrar o acolhimento e o apoio institucionais necessários para romper com essas experiências. Existe uma rede de enfrentamento à violência que deve ser conhecida e acionada, mas cada um de nós precisa também fazer a sua parte. Não é mais possível ignorar tanto sofrimento e desperdício de capacidades humanas. A violência contra as mulheres é um ato de poder a ser enfrentado e eliminado da nossa sociedade.

* Professora do Departamento de Ciência Política da UFMG e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher (Nepem)

REFLETIR para ENFRENTAR

Leonardo de Lima Leite*

A violência contra a mulher no Brasil mostra números assustadores e impressionantes. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o país registrou, em média, 135 estupros e 12 assassinatos de mulheres por dia em 2016. Podemos citar duas medidas que se destacam no enfrentamento à violência contra a mulher: a Lei Maria da Penha, de 2006, em que as mulheres passaram a ter outros espaços de acolhimento paralelo à punição dos agressores, e a Lei Federal de 2015, que define o feminicídio e transforma em hediondo o assassinato motivado pela condição de ser mulher.

A rede de enfrentamento à violência é de fundamental importância para a mudança do cenário atual. Aliado a ela, está o Instituto Albam, que trabalha com grupos reflexivos de gênero formados por homens que foram autuados na Lei Maria da Penha e, por isso, são obrigados judicialmente a participar de 16 encontros. Esses grupos, coordenados por uma psicóloga e um psicólogo, têm o objetivo de chamar os homens à responsabilização por meio da reflexão, tendo como estratégia principal de trabalho as discussões realizadas com base na narrativa dos próprios integrantes.

Uma das dificuldades desse trabalho é a grande resistência da maioria dos participantes que são obrigados a comparecer aos encontros e normalmente não enxergam a violência cometida no contexto das relações. Com o trabalho sobre as resistências e a visibilização de diferentes violências, os homens começam a repensar seus atos de violência e poder, suas relações e as formas como estavam conduzindo seus conflitos. Esse ambiente reflexivo é proporcionado por meio de discussões sobre diferentes temas, como masculinidades, violência, gênero, sexualidades, machismo, relações afetivas, uso e abuso de drogas, entre outros – todos permeados pela história de cada um dos integrantes. É perceptível o aproveitamento que os homens tiram desse espaço como algo significativo – e ressignificante – em suas vidas, e são notáveis as mudanças de discursos e de comportamento, que variam de homem para homem.

É importante esclarecer que a proposta de intervenção em grupo com homens em situação de violência não representa única solução para o enfrentamento da violência contra a mulher, mas constitui fundamental possibilidade de mudança de paradigma. O grupo, como espaço de intervenção no contexto da Lei Maria da Penha, não se restringe à penalização e privação de liberdade dos homens, mas aposta na prática que pode promover mudanças subjetivas que possibilitam a cada sujeito reconhecer as violências cometidas e por elas se responsabilizarem. Isso permite a eles descobrir outras formas de masculinidades e perceber como seus atos reforçam formas hegemônicas de relações de gênero, levando-os a pensar em alternativas não violentas para a resolução de conflitos.

* Psicólogo e coordenador de grupos reflexivos de violência de gênero do Instituto Albam

Marlise Matos e Leonardo Leite participam da última edição do ano do projeto Café Controverso, que põe em debate a violência contra a mulher. Por que a sociedade é tão violenta com as mulheres e quais as mudanças possíveis nesse cenário são alguns dos pontos que serão discutidos no evento. O Café ocorre neste sábado, 18 de novembro, às 11h, na cafeteria do Espaço do Conhecimento UFMG. A entrada é gratuita.

Mas os **DESAFIOS** continuam

Peter e Maria Lúcia Burke encerram ciclo de conferências dos 90 anos da UFMG

Ana Rita Araújo

Duas conferências encerram, neste mês, o ciclo *UFMG 90: Desafios contemporâneos*, que celebra as nove décadas de fundação da Universidade. No dia 21, o professor emérito da Universidade de Cambridge (Inglaterra) Peter Burke abordará o tema *Uma espécie em vias de extinção? – o polímata na época da especialização*. No dia 23, o tema *Gilberto Freyre: nosso contemporâneo?* será discutido pela historiadora brasileira Maria Lúcia Pallares-Burke. Ambos os eventos serão realizados às 10h, no auditório 104 do Centro de Atividades Didáticas de Ciências Humanas (CAD 2), campus Pampulha, sendo o primeiro em inglês, com tradução simultânea.

A série *Desafios contemporâneos*, que foi inaugurada em março, promoveu, ao longo do ano, reflexões e discussões sobre as diversas áreas do conhecimento no mundo atual, com a participação de renomados pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Os conferencistas também foram convidados a compartilhar suas visões sobre os rumos e desafios da universidade no século 21, em especial, as políticas universitárias.

Houve conferências sobre matemática, poesia, prevenção de demência no envelhecimento, estresse, coral, mudanças climáticas, conhecimento e diversidade. O ciclo trouxe à UFMG nomes como Boaventura de Sousa Santos, Michael Heinrich, Richard Stallman, Lyle Campbell e Eduardo Viveiros de Castro, entre outros.

A programação, com dados sobre os convidados e assuntos abordados (*veja no quadro ao lado*), está disponível no hotsite criado para reunir informações sobre as comemorações (www.ufmg.br/90anos/ciclo-de-conferencias/), endereço no qual serão mantidas, na íntegra, as gravações das conferências do ciclo *UFMG, 90 – desafios contemporâneos*.

Os conferencistas

Peter Burke é doutor em História pela Universidade de Oxford (Inglaterra). Foi professor da Princeton University (EUA) e professor-visitante do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP), onde desenvolveu o projeto de pesquisa *Duas crises de consciência histórica*. Especialista em Teoria da História e do Conhecimento, Burke enfatiza em suas análises a relevância dos aspectos socioculturais. Tem mais de 28 livros publicados e traduzidos para 31 idiomas.

Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke é historiadora, com pós-doutorado pela Universidade de Cambridge (Inglaterra). Foi professora da Faculdade de Educação da USP, onde obteve os graus de mestre, doutor e livre docente. Pesquisadora associada do Centre of Latin American Studies da Universidade de Cambridge, tem-se dedicado ao estudo da circulação e recepção de ideias nos contextos europeu e latino-americano e à trajetória intelectual de pensadores como Gilberto Freyre, Rüdiger Bilden e Anísio Teixeira.



Maria Lúcia e Peter Burke: Gilberto Freyre e a especialização em perspectiva

Retrospectiva

- 15 de março – *Matemática no Brasil: desenvolvimento, lições acumuladas e desafios*, de Artur Avila
- 16 de março – *Percursos da poesia: uma conversa*, de Ana Martins Marques
- 3 de abril – *É possível prevenir declínio e demência no envelhecimento?*, de Paulo Caramelli
- 25 de abril – *As epistemologias do Sul e a descolonização da universidade*, de Boaventura de Sousa Santos
- 25 de abril – *O estresse nosso de cada dia*, de João Gabriel Marques Fonseca
- 15 de maio – *Universidade, conhecimento e diversidade: conquistas e desafios*, de Nilma Lino Gomes
- 17 de maio – *O risco das mudanças climáticas para o Brasil*, de Carlos Nobre
- 26 de maio – *A atualidade de O capital: a propósito dos 150 anos da obra*, de Michael Heinrich
- 29 de maio – *Uma sociedade digital livre: o que torna a inclusão digital boa ou ruim?*, de Richard Stallman
- 20 de junho – *Doenças zoonóticas sem potencial pandêmico e a necessidade de uma abordagem inovadora baseada no conceito de saúde única*, de Jacques Godfroid
- 9 de agosto – *O futuro da engenharia*, de Humberto Pereira
- 9 de agosto – *O povoamento precoce das Américas e a extinção da megafauna no quaternário tardio*, de Eske Willerslev
- 29 de agosto – *Coro – Coral – Cantores: A contemporaneidade do canto em conjunto*, de Lincoln Andrade e Coral Ars Nova
- 15 de setembro – *Brasil: uma biografia*, de Heloisa Starling e Lilia Schwarcz
- 9 de outubro – *O modelo e o exemplo: dois modos de mudar o mundo*, de Eduardo Viveiros de Castro
- 9 de outubro – *Empreendendo a vida de estudante*, de Berthier Ribeiro-Neto
- 18 de outubro – *Indigenous languages in South America: a historical perspective for linguistic diversification and recent decline*, de Lyle Campbell

'EPOPEIA' na ARGILA

Jacyntho Lins Brandão lança tradução comentada da saga do rei Gilgámesh, texto escrito em acádio no século 13 a.C.

Ewerton Martins Ribeiro

“**E**le que o abismo viu” é o primeiro verso – e, consequentemente, o nome – de um dos mais antigos registros literários de que se tem conhecimento: a “epopeia” de Gilgámesh. Escrito originalmente no século 13 a.C. sobre pequenas tábuas de argila e em acádio (a mais antiga língua semítica registrada), o poema conta a história de um rei que, em tudo dado aos excessos, parte em uma busca heroica – e malfadada – pela imortalidade, enfrentando os deuses.

Os leitores brasileiros contam com uma versão da obra traduzida da mais nova edição crítica do texto acádio para o nosso português. Com uma bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, Jacyntho Lins Brandão, professor da Faculdade de Letras, pôde se dedicar durante os últimos quatro anos na tradução do poema, intercalando o trabalho com as demais atividades de sua rotina didática e intelectual. *Ele que o abismo viu: Epopeia de Gilgámesh* foi publicado pela Autêntica Editora e já está disponível nas livrarias.

Descobertas

Em 1985, o pesquisador Ordep José Trindade Serra já havia realizado uma primeira tradução do poema, “trabalho de excelente qualidade e atualizado com relação à época em que foi escrito”, elogia Jacyntho. No entanto, face às restrições da época, a versão era “um apanhado de textos distintos muitíssimo fragmentados”, capaz apenas “de apresentar um fio narrativo mínimo”.

Descobertas recentes de novas tabuinhas e fragmentos motivaram o projeto de uma edição crítica mais completa. “A tabuinha cinco, por exemplo, só foi encontrada nesta década”, conta Jacyntho, lembrando que a transcrição e a edição dela são ainda mais recentes, datando de 2014. A tradução do professor pôde contemplar todas essas novas descobertas. “Na verdade, fui pego pela descoberta dessa quinta tabuinha no meio de meu processo de tradução. Tive de voltar a essa parte e fazer tudo de novo”, diverte-se Jacyntho.

“A tradução que ofereço pretende-se bastante próxima do original babilônico, observando suas convenções poéticas”,

explica. “A poesia acádia, como a de outras línguas semíticas antigas, não tem como base algum esquema métrico fixo, mas constrói um ritmo baseado em unidades sintáticas, um verso comportando, em geral, duas dessas unidades. Além disso, pode-se dizer que, dentre outros recursos poéticos, os mais relevantes são os de natureza paralelística, que envolvem expressões, versos, trechos e mesmo falas e cenas inteiras, o que também marca, no seu nível, o ritmo do texto”, escreve o professor em um artigo sobre a tradução.

Uma das novidades do livro traduzido por Jacyntho é uma indicação de autoria, o que não existia em nenhuma versão anterior do poema: o texto é atribuído a Sin-léqi-unnínni, um escriba, que, por volta dos séculos 13 ou 12 a.C., teria remanejado relatos anteriores (que remontam a uma tradição poética que pode ter-se iniciado há quatro mil anos), compilando-os na sua versão.

A ordem dos fatores

A arqueologia material de *Ele que o abismo viu* é relativamente recente: se a última tabuinha descoberta – das 12 que compõem o poema – só foi encontrada nesta década, os primeiros achados relativos ao texto ocorreram apenas nos anos 70 do século 19. “Antes disso, não tínhamos a mínima ideia de que essa história existisse”, comenta Jacyntho. O dado é particularmente curioso na medida em que, no poema, podem ser encontrados vários dos mitos – a criação do homem a partir da argila, a ideia de viagem como conhecimento, a planta da juventude, o dilúvio e a arca, o barqueiro da morte – que vão se tornar conhecidos primeiramente por meio de tradições literárias, como a grega e a cristã, posteriores ao poema.

Jacyntho resume as ideias que conduzem a história. “Após [o fracasso de] sua jornada de conhecimento, Gilgámesh termina retornando ao seu reino, onde tudo começou. Nesse sentido, uma das ideias presentes na



obra é a de que a vida do homem se realiza na cidade: de alguma forma, o poema fala sobre a civilização, sua importância”, diz o professor. “Na medida em que Gilgámesh não alcança a pretendida imortalidade, a história parece tratar, também, da importância de se aproveitar a vida. É como se dissesse: a vida do homem é essa aí”, conclui.

No livro, além de denso ensaio introdutório, o professor da Faculdade de Letras oferece uma enorme quantidade de comentários para cada capítulo – em média, cada página de poema recebe, ao fim do volume, duas de comentários. Em razão dessa particularidade, o tradutor optou por classificar a obra como “tradução comentada”, ou seja, uma tradução “que termina por deixar expostas as dificuldades enfrentadas pelo tradutor no que diz respeito à decifração do texto e às opções assumidas ao vertê-lo, com base em critérios de relevância”.

[Matéria publicada no Portal UFMG em 8/11/2017]

Livro: *Ele que o abismo viu: Epopeia de Gilgámesh*

Autor: Sin-léqi-unnínni

Autêntica Editora

336 páginas / R\$ 59,80

DNA combate TRÁFICO de AVES

Grupo do ICB desenvolve método que identifica a paternidade de espécies ameaçadas de extinção

Luana Macieira

Um método de identificação de paternidade por meio de sequenciamento genético desenvolvido no Departamento de Biologia Geral do ICB está se transformando em trunfo no combate à captura e venda ilegais de aves silvestres no Brasil. O teste é um dos principais resultados do projeto *Biologia forense: desenvolvimento de tecnologia e formação de recursos humanos em genética forense e perícia ambiental*, criado há três anos sob a coordenação do professor Evanguedes Kalapothakis. “Como o exame consegue identificar os pais de um filhote de pássaro, é possível descobrir se ele nasceu no criadouro legalizado ou se foi capturado ilegalmente na natureza. Quando os pais do filhote são do criatório onde ele nasceu, constata-se que tudo foi feito dentro da lei”, explica.

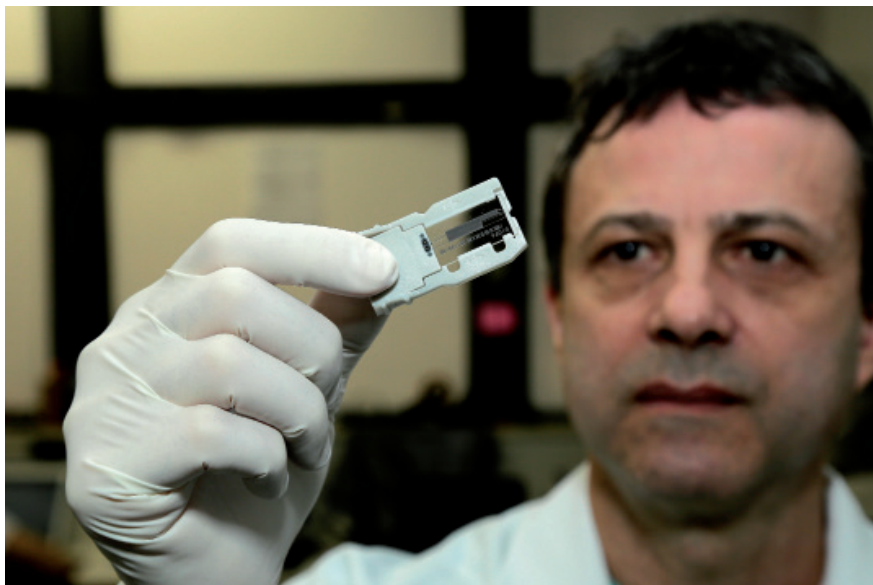
O projeto, financiado pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes), nasceu de demanda apresentada pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama). De acordo com o órgão, as aves representam 80% dos animais silvestres que formam esse mercado clandestino no Brasil. O trinca-ferro, o papagaio e o sofrê estão entre as espécies mais visadas por grupos criminosos.

Segundo o professor, para coibir o tráfico de espécies, principalmente daquelas ameaçadas de extinção, os criatórios legalizados são cadastrados no Ibama. Neles, todos os filhotes que nascem ganham uma identificação especial, que favorece o controle e a venda das espécies. O crime se configura quando donos de criatórios capturam os pássaros na natureza e implantam neles as anilhas de identificação, como se o animal tivesse nascido naquele local. Esses animais capturados ilegalmente são, então, comercializados no mercado.

“O Ibama nos encomendou o método de diagnóstico da paternidade com o intuito de realizar um trabalho de perícia nos criatórios. Em 2015, desenvolvemos o método e realizamos os exames com espécies de papagaio de um criatório de Belo Horizonte e constatamos que 100% das aves daquele local haviam sido capturadas na natureza e não reproduzidas legalmente em cativeiro”, relata o professor Evanguedes.

Sequenciamento

O método consiste na coleta das amostras de DNA das aves, que são colocadas em um aparelho de última geração chamado Miseq, capaz de realizar o sequenciamento genético de 384 amostras biológicas de uma vez. Em seguida, o equipamento fornece uma pré-análise computacional dos sequenciamentos gerados. O professor Evanguedes explica que o exame é feito por meio da análise de DNA, a exemplo do que ocorre nos testes de paternidade realizados em humanos. A tecnologia revela o pai e a mãe do filhote, correlacionando o material genético dos animais. Cabe aos pesquisadores, além da programação do aparelho, que varia de acordo com a espécie de pássaro que terá a paternidade investigada, a análise posterior dos relatórios fornecidos pelo equipamento, utilizando programas de bioinformática.



Foca Lisboa/UFMG

Evanguedes: teste correlaciona material genético para revelar mãe e pai do filhote

“Inicialmente, criamos o método para o papagaio. Agora estamos desenvolvendo exames de paternidade em pássaros das espécies trinca-ferro e sofrê. O método é muito viável economicamente, pois cada amostra analisada custaria entre R\$ 30 e R\$ 50. Levando em conta que há pássaros capturados ilegalmente e comercializados por mais de R\$ 5 mil, percebe-se que os exames podem contribuir para a diminuição desse tipo de crime”, afirma Evanguedes.

Além da realização dos testes de paternidade nas aves escolhidas pelo Ibama, o método também visa à formação de recursos humanos na área de genética forense. “O projeto surgiu de um encontro de membros da academia brasileira de ciências forenses e da Capes, que pretendia impulsionar a tecnologia brasileira nesse campo. Estamos desenvolvendo uma nova tecnologia e habilitando pessoas a realizar as análises”, conta o professor.

Natureza X cativeiro

Segundo Evanguedes Kalapothakis, os testes de paternidade em animais também vão beneficiar os criadores que obedecem à legislação. “No Brasil, há uma demanda para a compra de aves que não pode ser ignorada. É claro que, para o pássaro, é melhor viver livre na natureza. Mas, a partir do momento em que há pessoas capturando e comercializando aves de forma ilegal, é necessário que sejam adotados métodos para punir essa prática”, defende.

O professor acrescenta que o projeto também valoriza quem cria e vende pássaros de forma legal. “Esse projeto preserva as pessoas que trabalham corretamente. Ele legaliza os criadores, que passam a vender os animais por preço justo, sem a necessidade de competir com quem está capturando os pássaros na natureza”, conclui.

SENSORES CLIMÁTICOS

Pesquisa investiga ciclo de vida dos musgos para prever pequenas alterações ambientais

*Mateus Fernandes

Pequenas alterações ambientais, como mudanças de temperatura, umidade e precipitação atmosférica, podem ser percebidas graças ao ciclo reprodutivo de um musgo da espécie *Octoblepharum albidum*, segundo concluiu pesquisa realizada no Departamento de Botânica do ICB, pela professora Adaíses Maciel Silva e pela bolsista Miriam Pereira, de Iniciação Científica Júnior.

As pesquisadoras focaram seu estudo nos estágios de desenvolvimento de uma estrutura fundamental no processo reprodutivo desse tipo de planta, os esporófitos, e relacionaram esse desenvolvimento com as condições climáticas. Segundo Adaíses Maciel, o *Octoblepharum albidum* é uma briófito que tem a chuva como principal fator de controle de seu ciclo de vida. “Coletar esse musgo na época chuvosa e não encontrar esporófitos maduros é sinal de que o nível de precipitação não foi suficiente para estimular o desenvolvimento dessa estrutura reprodutiva e que houve uma pequena variação climática”, explica a professora.

Os três estágios iniciais do desenvolvimento do esporófito da planta observada no estudo, determinados por Miriam Pereira, ocorreram predominantemente na estação seca do ano, diferentemente da maturação, que se deu na estação chuvosa. “Isso revela que a produção de esporófitos é sazonal, regulada pelo período de chuva no decorrer do ano”, afirma a bolsista.

Além disso, as pesquisadoras observaram um pico de aborto dos esporófitos em dezembro e janeiro, meses caracterizados pelo chamado “veranico”, em que há uma estiada no período chuvoso, com dias de muito sol e calor. O estudo mostra que os abortos dos esporófitos ocorrem por causa de sua sensibilidade à ausência de água nos estágios iniciais do ciclo de vida, sendo mais vantajoso para a planta eliminar o esporófito e manter a integridade do gametófito.

Em todos os lugares

O termo “briófitas” se aplica a um grupo de plantas pequenas, de diferentes espécies, que crescem tanto em ambientes úmidos quanto em lugares mais secos, vivendo sobre o solo, nos troncos de árvores e em rochas. Apesar de não produzirem flores, frutos ou



scott.zona/ Flickr/Creative Commons

Musgo vive tanto em ambientes úmidos quanto em lugares secos

sementes, nem possuem vasos condutores de seiva, apresentam grande diversidade e são bem distribuídas por todo o planeta. São encontradas em florestas úmidas e até em lugares de clima mais hostil, como na gelada e seca Antártida. Essas plantas têm estruturas com funções semelhantes às folhas, caules e raízes, denominadas filídios, caulídios e rizoides, respectivamente.

A reprodução de briófitas envolve uma alternância de gerações – existe uma geração de vida mais duradoura (gametófito), responsável por produzir os gametas, e uma geração de vida mais curta (esporófito), na qual os esporos são produzidos. Os esporófitos surgem da fecundação dos gametas masculino e feminino. Já os gametófitos nascem dos esporos. Todas as plantas mantêm um ciclo reprodutivo que envolve alternância de gerações, porém, nas briófitas, esse ciclo ocorre com um gametófito de vida longa sustentando os esporófitos de vida curta.

*Estudante do ICB e voluntário do projeto Correspondentes, destinado à divulgação da cultura científica

Artigo: *How tropical moss sporophytes respond to seasonality: examples from a semi-deciduous ecosystem in Brazil*

Autoras: Adaíses S. Maciel Silva e Miriam Pereira de Oliveira

Publicado em Bione (<http://www.bioone.org/doi/pdf/10.7872/cryb/v37.iss3.2016.227>)

Adaptação e INTERMIDIALIDADE

Professor da Universidade de Linnaeus discute, em conferência, relação de subordinação entre os dois campos acadêmicos

O teórico da literatura Lars Elleström, professor de literatura comparada da Universidade de Linnaeus, da Suécia, fará conferência na Faculdade de Letras, na próxima segunda-feira, dia 20, sobre adaptação e intermedialidade.

A palestra *Adaptation and intermediality* terá início às 17h, no auditório 1007 da Fale, e contará com tradução simultânea. A promoção é do grupo de pesquisa Intermídia: estudos sobre a intermedialidade e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (Pós-Lit). “Lars Elleström tem escrito largamente sobre poesia, semiótica e,

em especial, sobre intermedialidade. Muitas das teses defendidas no Pós-Lit usam sua teoria como base de pesquisa”, afirma a professora Thaís Flores, da Faculdade de Letras.

Em sua exposição, Elleström vai tratar das relações entre adaptação e intermedialidade com base no entendimento de que há, entre elas, uma relação de subordinação. “A maior parte das questões teóricas e práticas intimamente ligadas à adaptação fazem parte do campo acadêmico mais amplo da intermedialidade”, sugere o pesquisador.

ECOLOGIA EVOLUTIVA

O estado de conservação e as ameaças sofridas pelo ecossistema rupestre serão avaliados na 11ª edição do ciclo de palestras *Eugen Warming Lectures in Evolutionary Ecology*, programado para o campus Pampulha de 27 a 30 deste mês.

Espaço de discussão sobre ecologia, genética, evolução e conservação da natureza, o evento promovido pelo Laboratório de Ecologia Evolutiva e Biodiversidade do ICB será realizado no Centro de Atividades Didáticas de Ciências Humanas (CAD 2).

A programação inclui mesas-redondas, palestras, sessão de pôsteres e exposição de painéis. As inscrições podem ser feitas no site do ciclo (<http://bit.ly/2j8WVB1>) e pelo e-mail eugen.warming2017@gmail.com

EQUALIZAR

Estão abertas, até domingo, 19 de novembro, as inscrições para o curso preparatório para o Enem 2018 do Projeto Equalizar (www.equalizar.org/). Podem se matricular estudantes das redes públicas municipal e estadual, com renda de até 1,5 salário mínimo. As aulas serão ministradas de segunda a sexta-feira, no período noturno, e aos sábados, pela manhã. Todas as informações estão disponíveis no edital do processo seletivo.

O Equalizar é um projeto sem fins lucrativos que oferece cursos preparatórios para o Enem e ensino técnico a alunos das redes públicas da Região Metropolitana de Belo Horizonte. As aulas são ministradas por estudantes voluntários da UFMG e por profissionais sem vínculo com a Universidade.

COMPUTAÇÃO NO VERÃO

Estão abertas, até 15 de dezembro, as inscrições para a 7ª Escola de Verão em Ciência da Computação, que o Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação vai realizar, de 19 a 23 de fevereiro de 2018. A atividade é destinada a alunos de graduação e de mestrado, tendo em vista a disseminação de conhecimento, de inovação e de pesquisas acadêmicas de ponta. Nas palestras e nos cursos que compõem a programação, serão abordados temas como *Algoritmos aproximativos: introdução e aplicação em genética*, *Algoritmos e finanças quantitativas: seleção de portfólios e gerenciamento de risco*, *Biometria: conceitos e desafios*, *Estatística para programadores* e *Computação e empreendedorismo social*. Mais informações podem ser obtidas no site www.evcomp.dcc.ufmg.br/.



Um dos trabalhos do artista: misto de dor, frustração, fé e superação

LOUCURA

A exposição *Traços do caminho*, que estimula o público a olhar criticamente para o sofrimento mental, está aberta até 4 de dezembro, na cafeteria do Espaço do Conhecimento UFMG (Praça da Liberdade, 700). As peças que integram a mostra são de autoria do mineiro Alessandro Ramos, que procurou na arte o remédio para superar seus sofrimentos mentais.

Suas telas expressam dor, ansiedade e frustrações, mas também fé, esperança, superação e perseverança. Elas mostram, segundo o artista, o olhar de quem esteve dentro de cativeiros mentais e encontrou a libertação.

GASTRONOMIA

Acadêmicos e profissionais da área da saúde e correlatos podem se inscrever, até o dia 27 deste mês, no curso *Empreendedorismo e alimentação*, agendado para o dia 1º de dezembro, das 9h às 18h, na Faculdade de Farmácia. O ciclo de palestras, com carga de 8h, foi planejado com o intuito de promover atualização nos campos de inovação e empreendedorismo no ambiente da alimentação coletiva e da gastronomia.

As inscrições devem ser feitas pelo site <http://bit.ly/2h1STor>.

POESIA PORTUGUESA

Trabalhos que tenham como objeto aspectos da poesia portuguesa podem ser submetidos, até 19 de dezembro, para apresentação no 2º Colóquio Internacional de Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea, que será realizado nos dias 19 e 20 de abril de 2018, na UFMG, e no dia 29 de maio, na Universidade Federal Fluminense (UFF). As inscrições devem ser feitas pelo site <https://coloiopoesiaportuguesa.wordpress.com/>.

Segundo os organizadores, o objetivo do colóquio, que reunirá pesquisadores e estudantes brasileiros e estrangeiros, é “apresentar um panorama alargado da poesia portuguesa, pensando-a como lugar de convergência e de dissonância de algumas linhas de força que a consolidam como um dos mais vigorosos e inventivos discursos da lírica europeia”. O evento é promovido pelo Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da UFMG, em parceria com o Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF.

SAÚDE E EMPODERAMENTO

Metade dos óbitos maternos registrados no Brasil em 2012 e 2013 foi de mulheres pardas, como mostram dados da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres. Esse grupo populacional também apresentou maior taxa de hipertensão, diabetes e dislipidemia – colesterol anormalmente elevado ou gorduras no sangue. Questões de gênero, sexualidade e etnia no contexto da saúde serão discutidas, nos dias 18 e 25 deste mês, no auditório da Faculdade de Farmácia, no 1º Fórum sobre saúde, gênero e empoderamento.

O evento é promovido por estudantes de graduação e pós-graduação dos cursos de farmácia e biomedicina. A intenção é abordar a saúde da mulher, considerando temas convergentes como maternidade e aborto, etnia e raça. “O racismo e a discriminação afetam a saúde dessas mulheres e seu acolhimento e cuidado nos serviços de saúde”, explica Nathália Pacífico de Carvalho, estudante de pós-graduação em Farmácia.

'TRADUÇÃO' no mundo das CORDAS

Em trabalho de mestrado, instrumentista transcreve para a formação canto e violão obra para voz e piano do paraense Waldemar Henrique

Itamar Rigueira Jr.

Diferentemente do que se passa com a canção popular, são poucas as obras da canção brasileira de câmara compostas para canto e violão. Também há poucos intérpretes e gravações nessa formação. Apaixonado por música brasileira e pela performance que junta a interpretação vocal ao instrumento de cordas pinçadas, o violonista Anderson Reis tomou conhecimento da peça *Uirapuru*, uma das nove *Lendas amazônicas* do compositor e pianista paraense [Waldemar Henrique](#) (1905–1995). E transformou em projeto de mestrado, na Escola de Música, o esforço de transcrição das composições, escritas para canto e piano.

Anderson mergulhou na história de Waldemar Henrique para entender seu universo criativo e descobriu que o compositor, um dos símbolos da arte feita no Pará, se relacionava muito bem com o violão. “Ele chegou a escrever algumas peças originalmente para canto e violão”, comenta Anderson Reis. “Sua obra é bastante pianística, mas não explora recursos específicos do instrumento. O acompanhamento do piano tem o objetivo principal de apoiar a letra, criar atmosfera, o que de certa forma favorece o trabalho de transcrição.”

Além da bagagem de Anderson como violonista, o trabalho teve suporte teórico e baseou-se na experiência de outros transcritores. O pesquisador teve a preocupação de transportar a essência da criação de Waldemar Henrique para o violão e chegar

Homenageado no batismo de uma praça e de um teatro que levam seu nome em Belém, cidade em que nasceu e morreu, Waldemar Henrique, que foi também maestro e escritor, passou a infância em Portugal e, na volta ao Brasil, viajou pelo interior da Amazônia, em busca de conhecimento sobre a cultura e o folclore da região. Estudou no Rio de Janeiro e se apresentou em excursões no Brasil e no exterior.

a um resultado que fosse o mais violonístico possível, de forma que o ouvinte não imagine que se trata de composição criada para outra formação.

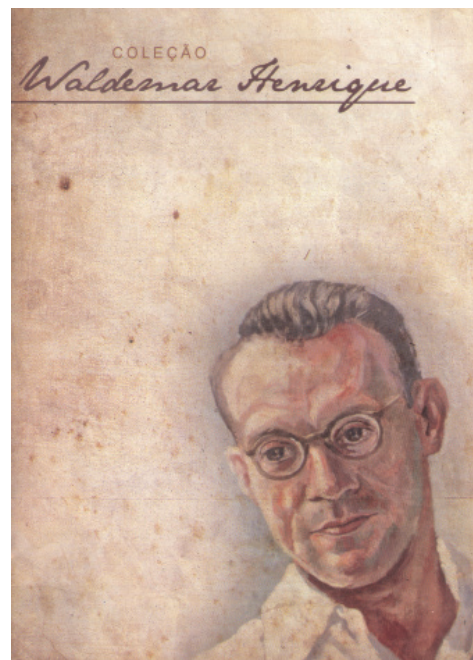
“Utilizei o que é mais natural para o violão, como tonalidades mais adequadas, e reafino algumas cordas. Também exploro a ressonância típica do instrumento e técnicas especiais próprias, como o *pizzicato* (som abafado tirado do pinçar das cordas) e a *tambora* (toque percussivo na base das cordas), que combinaram bem com as composições de Waldemar Henrique”, enumera o músico.

Anderson acrescenta que algumas das adaptações estão relacionadas ao fato de que o piano tem mais recursos sonoros simultâneos e que respeitou uma característica marcante das lendas: elas foram compostas numa região média para a voz (nem muito grave nem muito aguda) e, portanto, podem ser interpretadas por qualquer tipo de cantor.

Personagens em sons

Nas canções *Nayá*, *Uirapuru* e *Tambatajá*, o acompanhamento é apenas pano de fundo. As outras seis contêm recursos que reforçam a atmosfera ao caracterizar personagens ou elementos da narrativa. “Nesses casos, foi maior o desafio, pois precisei elaborar e testar, também no palco, as soluções no violão”, afirma Anderson Reis, que contou com a participação de três amigos cantores nas atividades performáticas de sua pesquisa. Ele tem apresentado as peças de Waldemar Henrique ao lado do barítono Célio Souza (há vídeos no canal do violonista no YouTube: <http://bit.ly/2zjnp9r>).

A orientadora do trabalho, professora Luciana Monteiro de Castro, coordenadora do Grupo de Resgate da Canção Brasileira, ressalta que a linguagem acessível e a brasilidade das peças do compositor paraense “funcionaram” muito bem no violão e que



Waldemar Henrique na capa de DVD que reúne composições escritas para canto e piano

Reprodução/Museu da Imagem e do Som do Pará

o resultado é valioso em razão da dificuldade de “transcrever de um instrumento tão completo como o piano, respeitando as ideias do autor”.

Anderson Reis compara a transcrição à tradução literária. “Me vali das ideias do Waldemar Henrique para dar uma interpretação pessoal”, diz o violonista, que pretende editar as partituras que resultaram de sua pesquisa.

Dissertação: *Transcrições das Lendas amazônicas de Waldemar Henrique para canto e violão: uma abordagem prática e teórica*

Autor: Anderson Reis

Orientadora: Luciana Monteiro de Castro

Coorientador: Flávio Barbeitas

Defesa em 29 de setembro de 2017, no Programa de Pós-graduação em Música